



abril 26, 2007

## Na Rua do Carmo



*Estranhem o que não for estranho.  
Tomem por inexplicável o habitual.  
Sintam-se perplexos ante o quotidiano.  
Tratem de achar um remédio para o abuso  
Mas não se esqueçam de que o abuso é sempre a regra.*

**spectrum** – <http://spectrum.weblog.com.pt/>

26-04-2007

*Rua do Carmo, rua do Carmo  
Mulheres bonitas, subindo o Chiado  
Mulheres alheias, presas às montras,  
Alguns aleijados em hora de ponta  
Soprando a vida, passam estudantes  
Gingando as ancas, lábios ardentes  
Subindo com pressa, abrindo passagem  
Chocamos de frente, seguimos viagem*



Então é assim. Cerca de 200 a 300 pessoas manifestaram-se a seguir às comemorações oficiais do 25 de Abril, numa manifestação anti-autitária, anti-fascista e anti-capitalista, iniciada às 18h30 na P. da Figueira e que terminou no Lg. Camões cerca das 19h30. A manif decorreu rapidamente e embora estivesse rodeada de um considerável dispositivo policial (não foi autorizada), não houve

incidentes. Ao longo do percurso foram pintadas algumas frases na parede e atiradas algumas lâmpadas com tinta a vidros de lojas e bancos. Ninguém partiu montras.

Evidentemente, comparada com a parada que desceu a Av. da Liberdade a lançar palavras de ordem de há 30 anos, esta manif assumiu um aspecto bastante mais combativo e radical, com palavras de ordem viradas para o presente e não para o passado. Nesse sentido, foi a resposta que se impunha ao crescimento da agitação e provocação fascista dos últimos tempos. Foi também a primeira vez, desde que me lembro, que uma manifestação no dia 25 de Abril teve um cunho de combate e conflito minimamente à altura dos 18 meses que se seguiram ao 25 de Abril de 1974. Desde logo, a manifestação teve a vantagem de se dirigir, não à imagem difusa, consensual, que celebra a democracia que temos, mas antes de exprimir a vontade de libertação não cumprida que caracterizou o período revolucionário. Deu ainda uma expressão prática ao apelo que Cavaco Silva, sempre brincalhão e jovial, dirigiu aos jovens: os manifestantes não se resignaram perante as dificuldades e, insubmissos q.b., procuraram à sua maneira reinventar os festejos do 25 de Abril.

Chegada ao Camões, parte da manif desmobilizou. Outra parte, cerca de 100 pessoas, sentiu que algo estava por fazer e decidiu correr o risco de efectuar o percurso no sentido inverso, atingindo a sede do PNR, situada na Rua da Prata. Nesse sentido, desceu a Rua Garrett, passando por um considerável aparato policial e acompanhada de bastante perto por alguns polícias à paisana, o chefe dos quais está na fotografia acima colocada.

A este ponto a manif era composta por um núcleo de pessoas de cara tapada e vestidas de preto, bem como várias pessoas que simplesmente queriam ver o que iria acontecer. Esta manif era bem menos compacta do que a que tinha subido o Chiado e, levadas pelo entusiasmo, as pessoas que seguiam na dianteira iam a uma velocidade bastante grande. Por altura dos Armazéns do Chiado, e após um curto impasse para decidir o melhor caminho, seguiu pela Rua do Carmo. A este ponto também, alguns dos manifestantes batiam com os suportes das bandeiras em cartazes e mais bolas com tinta foram enviadas para montras. O Chiado estava bastante mais vazio do que uma hora antes, o que aliás é habitual. Nada havia sido partido. Nenhuma agressão havia sido feita.

Foi aqui que dois ou três manifestantes pararam para escrever um grafitti: "O 25 de abril passou mas a lei do bastão continua". O resto da manifestação

continuou, exceptuando um pequeno grupo que ficou a garantir a sua segurança e em vão gritou para os da frente para que esperassem e abrandassem. Quando a frase já estava a ser terminada, um grupo de polícias à paisana, presumivelmente agentes do SIS ou da Judiciária, cercou os seus autores e procurou detê-los, sendo por sua vez cercado pelo pequeno grupo que ficara para trás. Uma rápida troca de empurrões permitiu às forças da ordem compreender que não estavam a lidar com um bando de miúdos assustados. Os agentes largaram as pessoas que tinham agarrado, sacaram de bastões extensíveis e recuaram em grupo. O fascista nojento da foto acima, a menos de 5 m de mim, falava pelo rádio chamando o corpo de intervenção. O resto da manifestação, que já tinha passado o elevador de St<sup>a</sup> Justa, apercebendo-se do que estava a ocorrer nas suas costas, voltou a correr para o cimo da Rua do Carmo. Um very-light foi lançado para o ar. Chegaram duas carrinhas do corpo de intervenção ao cimo da rua e, simultaneamente, uma à parte de baixo, vinda do Rossio. Os respectivos passageiros saíram e carregaram. Nem todos tinham escudo e capacete. Alguns manifestantes procuraram agrupar-se para travar a carga policial, mas a maior parte encostou-se simplesmente às paredes da Rua ou refugiou-se em lojas.

O chefe do corpo de intervenção gritou aos seus subordinados que parassem após a primeira carga, constatando que não havia uma resistência digna desse nome e que se passava agora ao simples espancamento dos manifestantes. Não teve qualquer sucesso e, constatando-o, juntou-se aos seus homens dedicando-se aquilo que sabe fazer melhor.

Os polícias vindos de cima gritavam aos manifestantes que dispersassem enquanto lhes batiam com os bastões. Os que vinham de baixo gritavam aos manifestantes que fossem para cima, enquanto lhes batiam com os bastões, naturalmente.

As pessoas que caíram no chão foram pontapeadas e levaram bastonadas. As que se encostaram à parede foram também espancadas, a maior parte sem esboçar qualquer resposta. Tod@s os/as que esboçaram alguma resistência foram especialmente atacados, mas conseguiram, na sua maioria, manter a polícia a alguma distância e fugir, pela parte de baixo da Rua, sendo perseguidos até ao Rossio, dispersando em seguida. Doze pessoas foram presas, tendo algumas delas sido agredidas quando já estavam detidas, à boa maneira policial. A polícia poderia ter prendido toda a manifestação se quisesse. A polícia poderia

**spectrum** – <http://spectrum.weblog.com.pt/>

26-04-2007

ter simplesmente dispersado a manifestação se quisesse. A polícia quis, em vez disso, espancar o maior número possível de pessoas, provocar-lhes medo e assegurar que a sua autoridade não voltaria a ser desafiada.

É difícil acreditar que alguém na manifestação tivesse cocktail's molotovs e, perante tão eloquente demonstração do fundamento democrático da autoridade policial, tivesse hesitado em utilizá-los. Teria tido pelo menos a vantagem de manter a polícia à distância o tempo suficiente para o grosso da manifestação fugir. Nesse aspecto, a carga policial deu toda a razão a quem levou para a manifestação bandeiras com cabos de metal. As mãos nuas não são propriamente as ferramentas indicadas para enfrentar a autoridade policial.

Diga-se aliás, que caso a manifestação tivesse demonstrado a intenção firme e a inteligência táctica para resistir, não lhe teria sido difícil fazer a polícia recuar. Organizado como um bando de energúmenos que gostam de bater em pessoas assustadas, sem qualquer organização ou método, o corpo de intervenção não passa de um bando de rufias fardados e equipados à nossa custa. Qualquer dia calhar-lhes-à na rifa algo mais do que claques de futebol.



Aos que lamentam os grafitis em prédios novos relembro apenas os milhares de murais e pintadas que enchem até há poucos anos as paredes e muros da cidade, fazendo-nos pensar que esta nem sempre foi o cenário das vidas entediantes que levamos e que aqui, em tempos, foi desafiada a ordem capitalista das coisas. Esses murais e pintadas eram inequivocamente mais novos e modernos do que qualquer renovação urbana do "coração comercial da cidade". De resto, a liberdade de transformar permanentemente o espaço urbano que se percorre diariamente é um patrimonio bem mais agradável do que as fachadas de lojas que a polícia alegadamente procurava defender. Acerca disto não existirá nenhum consenso.

Para terminar. A autoridade, o poder, o monopólio da violência, a propriedade privada, estão tão largamente inscritas nos nossos imaginários que até parece estranho que alguém desafie esses pilares da civilização ocidental. Apenas

**spectrum** – <http://spectrum.weblog.com.pt/>

26-04-2007

parecemos capazes de nos indignar ou lamentar a violência policial "excessiva". Relembro a esse propósito que a violência policial em Portugal nunca foi outra coisa senão excessiva. A não ser, é claro, quando se trata de perseguir criminosos poderosos. No que toca à extrema-direita as autoridades policiais tratam-na como se não fosse mais do que uma versão um pouco mais radical e para-militar do SEF.

Uma concentração de trabalhadores à porta de uma fábrica encerrada, na Amadora, motivou à poucos meses uma carga policial. Vários jovens dos bairros pobres da periferia são continuamente espancados e perseguidos pela polícia,



quando não mortos a tiro pelas costas. Uma casa ocupada foi desalojada há 2 anos pelo GOES, de arma na mão, sem aviso prévio, de madrugada, tendo as pessoas sido levadas directamente das suas camas para celas prisionais. Uma marcha contra o encerramento do serviço de urgências, em Caminha, sofreu uma carga policial.

Abunda a indignação e a condenação, escasseia a resposta que se impõe. Que sentido pode fazer falar do dia da liberdade quando se sente, de forma tão clara, em nosso redor, ao nosso lado, à nossa frente, semelhante dispositivo de violência?

De uma vez por todas, a bófia bate nas pessoas porque tem medo. E tem razão em ter medo. A violência não é boa nem má, a violência é.

Publicado por **[Rick Dangerous]** às abril 26, 2007 05:33 PM

## COMENTÁRIOS

### Comentários

Acho muito violento o que aconteceu. Sem necessidade. De facto, o que não se assume com uma "cara ou nome", como um grupo com esta ou aquela camisola, é sempre considerado uma ameaça. Só isto pode explicar as respostas de agressividade da polícia.

Espero que as pessoas que foram detidas já estejam em liberdade. E é tudo.

Publicado por **[Joana]** às abril 26, 2007 07:06 PM

Corresponde a 100% ao que vi. Para te dizer a verdade, quando vi a cobarde carga policial, apesar de estar num dos cantos, reparei que, vindos de cima, eram pouco mais que uma dezena, e ainda pensei que alguém fosse resistir. Mas não. Era ver turistas, cães, transeuntes a fugir em pânico da turba descontrolada de bófia "robocop".

Um senhor de idade indignado gritou para o chefe da bófia "porque é que estão a fazer isto? isto parece o tempo do antónio das botas!" ao que o grunho lhe responde "você cale-se e vá fazer queixa ao ministério público, se quiser". Ainda está gente presa e no hospital :(

Publicado por **[João]** às abril 26, 2007 07:08 PM

As manifs não precisam de ser autorizadas. Basta haver informação ao Governo Civil.

Publicado por **[Anónimo]** às abril 26, 2007 07:10 PM

Publicado por **[.]** às abril 26, 2007 07:57 PM

exacto. se for tudo dentro da lei. pelo k vi ontem não vi nada (dentro da manifestação, não relativamente ao vandalismo de paredes ou montras) k fosse contra a lei, não vi símbolos proibidos por lei e vi tudo dentro do normal (voltandoa repetindo o facto das coisas pintadas).

disseram no noticiario k o governo civil nao foi informado.

alguem da organização pode confirmar isto? :S

Se realmente foi informado foi um ataque a liberdade das pessoas!

Publicado por **[Sr\_Martelo]** às abril 26, 2007 09:04 PM

height="180" border="0" alt="PSP reprime violentamente acções contra o fascismo" />

Publicado por **[Chato]** às abril 26, 2007 09:12 PM

**spectrum** – <http://spectrum.weblog.com.pt/>

26-04-2007

Chato: envia foto para o nosso mail que nós postamos.

Publicado por **[Saboteur]** às abril 26, 2007 09:31 PM

Voces usaram cocktails Molotov e os vossos colegas faxos do PNR usaram cocktails Ribbentrop ?

Foi isso o que aconteceu, ou assinaram mais um pacto de amizade Vermelho-Castanho ?

Publicado por **[Infidel]** às abril 26, 2007 09:52 PM

Estes dois indivíduos identificados nas fotos vieram a acompanhar toda a manifestação. À sua frente fizeram-se pintadas e mandaram-se bolas de tinta sem eles esboçarem qualquer tipo de reacção, apesar da sua notória condição de "infiltrados". Já agora, gostava de saber se o casaco de ganga faz parte do kit paisano ou se eles estão há tanto tempo afastados da vida real que pensam que a "Soviet" ainda é trendy...

Publicado por **[Fialho Gouveia]** às abril 26, 2007 10:44 PM

apresentem queixa ao ministério público, se ainda não o fizeram, não?

Publicado por **[Anónimo]** às abril 26, 2007 11:14 PM

Ficou o graffiti. Lá está por detrás do chefe paisano. Só não eram mais bófias porque o resto ficou a guardar o cartaz do PNR e a guardar a António Maria Cardoso

Publicado por **[Jó]** às abril 26, 2007 11:32 PM

É óbvio que o arrastão anti-fascista é uma inventona!

O que aconteceu realmente foi que a PSP, farta de assistir às aborrecidas celebrações do 25 de Abril, resolveu fazer uma carga policial violenta para levantar a moral, apanhando pelo meio uma inofensiva excursão turística do “Movimento Cívico Não Apaguem o Molotov”. Ao mesmo tempo, barras de ferro, de madeira, very lights e cocktails molotov caíram milagrosamente do céu, incriminando os jovens inocentes.

Antes que esta nova crise de pânico passe ao arquivo morto, é necessário inscrevê-la na história da manipulação de massas em Portugal.

Publicado por **[Basílio]** às abril 27, 2007 01:00 AM

Não participo em mais nenhuma manifestação onde hajam anarcas à frente. Foi um mau dia para esquerda.



**spectrum** – <http://spectrum.weblog.com.pt/>

26-04-2007

Publicado por **[Anónimo]** às abril 27, 2007 02:39 AM

Não sei qual é o espanto. Até parece que a policia do povo dos brandos costumes nos tem habituado a outro tipo de tratamento, esta cena é-me familiar, só não acontece mais porque o povo é sereno e não deveria ser, porque este caminho que nos obrigam a percorrer sem que uma pessoa possa dizer nem ai nem ui é muito mau. Está-se a deixar cair por terra muito sofrimento que outros passaram por nós e que estamos a vender aos desbarato. eu cá prefiro lidar com comunas, trostkistas anarcas e outros do que gentinha do aparelho "democratico" e sem falar na laia dos do PNR. Tive em Genova e apreendi qq coisa. é tempo de acabar com estar farsa a qq preço.. não gosto da bófia nem há lei da bala!

Publicado por **[frolic]** às abril 27, 2007 03:51 AM